

Identidades surdas: Trajetória de criação e validação de um instrumento

Deaf Identities: Path of creating and validating an instrument

Gabrielly Pereira da Silva

Graduada em Psicologia; Universidade Federal de São Paulo, Santos, SP, Brasil;
silvap.gabrielly@gmail.com

Bianca Ribeiro Lorena

Tradutor e Intérprete de Libras; Empresa Com Libras, São Vicente, SP, Brasil;
ribeirolorena.bee@gmail.com

Eliana Chaves Ferretti

Doutora em Rehabilitation Science and Technology; Universidade Federal de São Paulo (Departamento de Ciências do Movimento Humano), Santos, SP, Brasil;
chavesferretti@gmail.com

Luana Foroni Andrade

Doutora em Atenção à Saúde; Universidade Federal de Sergipe (Departamento de Terapia Ocupacional), Lagarto, SE, Brasil;
luanaforoni@gmail.com

Resumo

A comunidade surda é composta por indivíduos que possuem uma trajetória de vida singular, sendo assim são indivíduos que possuem identidades diferentes ainda que pertençam a uma mesma comunidade. Essas identidades requerem diferentes medidas de inclusão, desta forma, compreender os perfis e identidades, pode auxiliar os mais diversos profissionais a pensarem acessibilidade de uma maneira efetiva e que inclua todas as Identidades Surdas. A presente pesquisa trata-se da construção e validação de um questionário que tem como objetivo identificar a identidade do indivíduo surdo/deficiente auditivo. A partir deste instrumento novas pesquisas poderão aprofundar ainda mais nas Identidades Surdas e suas necessidades promovendo acessibilidade de forma efetiva e inclusiva a todos os surdos.

Descritores: Pessoas com surdez. Identificação social. Estudos de validação.

Abstract

The deaf community is composed of different individuals who have a unique life path, they are individuals who have different identities even though they belong to the same community. Different identities require different measures of inclusion. Beside that, understanding the profiles and identities, could help professionals to deal with accessibility factors in an effective way which could include all deaf identities. This research is about the development and validation of an instrument that aims to identify the deaf identity as well as the identity of individuals with hearing impairment. The instrument would provide knowledge regarding deaf identities present in most diverse regions of Brazil by promoting accessibility in an effective and inclusive way to all deaf people.

Keywords: Persons with hearing impairments. Social identification. Validation study.

Introdução

Antes de mais nada é válido dizer que entender o conceito de identidade foi um dos maiores desafios do presente trabalho e, apesar do esforço, seria utopia afirmar a compreensão

do conceito em sua totalidade, na verdade, este é um tema para refletir, desconstruir e reconstruir em todos as eras. É válido dizer que a literatura buscada para referenciar tal conceito está localizada dentro de uma cultura, tempo e espaço, sendo assim não podemos entendê-lo de forma fixa e nem generalizada.

De acordo com Santos (2012, p. 44), identidades são posicionamentos construídos que fornecem referenciais para olharmos o mundo, as pessoas, as coisas, os acontecimentos e as experiências de certo modo”, além disso, ainda segundo a autora, elas são relacionadas a cada tempo e espaço. Porém este conceito não foi sempre o mesmo. Hall (2006), apresenta três concepções de identidade, começando com a Iluminista, onde a identidade do sujeito era “fixa e estável”, sendo uma essência inata do sujeito, “uma concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação”.

A segunda se trata da concepção da identidade do sujeito sociológico, onde a identidade é parcialmente construída a partir da relação entre o eu e o outro, “o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem” (Hall, 2006, p. 11)”. E por fim, a concepção da identidade do sujeito pós-moderno que descentraliza completamente o sujeito do iluminismo e compreende a identidade como não sendo fixa, permanente e nem fruto de uma essência, mas sim uma “celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall, 1987 apud Hall, 2006).

A pesquisa de Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silvares (2008) apresenta a teoria de Erikson, importante psicanalista que tratou sobre identidade e desenvolvimento. Segundo as autoras, Erikson “entende que identidade é uma concepção bem-organizada do ego, composta de valores, crenças e metas com os quais o indivíduo está solidamente comprometido”. Sendo assim, a identidade formada compõe quem somos.

Esse “ser quem sou” só existe a partir da existência do outro. Ferrari (2006) diz que “a questão sobre a identidade no campo da Psicologia se dá tanto pelo rompimento com a unicidade e mesmidade encontradas na natureza como pela constatação de sua mutabilidade.”. Desta forma, a constituição de quem eu sou se dá em duas vias, a primeira é no encontro com o diferente, com aquilo que não sou. A segunda é com o igual. Sou o que sou porque sou diferente deste e igual aquele. Ciampa (1984) apresenta um bom exemplo da relação de igualdade e diferença na constituição do eu: o nome. O pronome me põe no lugar de

único e diferente, se sou Maria, não sou João e nem Ana, porém o sobrenome me coloca como igual a minha família sendo semelhante a eles. Sendo assim, sou Pereira, faço parte da família pereira, somos um e, sendo Pereira, não sou Silva. Diferença e igualdade. É a primeira noção de identidade. Sucessivamente vamos nos diferenciando e nos igualando conforme os vários grupos sociais que fazemos parte (Ciampa, 1984).

A compreensão da surdez foi sendo transformada no decorrer do tempo deixando marcas atualmente, sendo assim, precisamos conhecer a história da surdez para compreendermos as identidades. Inicialmente os surdos eram vistos como incapazes de qualquer habilidade e possibilidade de conhecimento chegando a serem condenados à morte na Grécia Antiga. Para Aristóteles, tudo o que fosse atingir a consciência humana deveria penetrar por algum dos órgãos do sentido, sendo a audição o canal mais importante. Desta forma, *“como o surdo-mudo não podia articular a palavra nem compreender o que o outro falava, não podia ser capaz de aprender”* (Duarte, 2013, p.1717). Somente no século VI, no Código Justiniano, é possível encontrar o primeiro registro da surdez sendo classificada pelos vieses de direito e da saúde. A educação dos surdos teve seu início em 673 d.C com o arcebispo John of Beverly ensinando um surdo a falar. A partir de 1750, Charles Michel de l'Épée, observando a forma como os surdos se comunicavam nas ruas de Paris, introduziu o sistema a outros surdos. Anos mais tarde, em 1817, Thomas Hopkins Gallaudet e Laurent Clérc, a partir da língua de sinais de Paris, fundaram a primeira escola exclusiva para surdos. Porém, com a morte de Clérc, revoltas ouvintistas passaram a negar o avanço dos métodos que priorizavam a língua de sinais e a necessidade do retorno à oralização (Duarte, 2013).

Atualmente, os impasses acerca da importância da oralização ou da língua de sinais é bastante presente, visto que a surdez pode ser encarada a partir de um viés clínico terapêutico ou socioantropológico. Na primeira, o surdo é visto como deficiente sendo classificado segundo os graus de perda de audição. Sendo assim, comparado a um ouvinte, o surdo seria um sujeito inferior que precisa ter a sua deficiência removida através da oralização e implantes. Esta representação é pautada no saber médico de forma que a surdez é encarada como uma patologia. Por outro lado, na representação socioantropológica, a surdez é vista como uma diferença e o sujeito surdo pertencente a um grupo cultural próprio, tendo a sua identidade construída a partir deste lugar. Com base nesta compreensão, a oralização seria a imposição de uma norma ouvinte ao surdo de forma que sua diferença é posta como inferior ao outro ouvinte (Thoma, 2012, p.165). As problematizações acerca da oralização e

ouvintismo percorreram os anos até atualmente onde dentro de um mesmo grupo de surdos as opiniões se divergem a partir das suas identidades.

As Identidades Surdas têm como base e ponto inicial a compreensão da diferença entre surdos e ouvintes. Mas é preciso lembrar que “*os surdos se descobrem na diferença e não na deficiência*” (Perlin, 1998, p. 32). Isso porque não se trata da percepção do surdo como deficiente, sendo este inferior ou que tenha a falta de algo, mas sim um ser completo diferente do ouvinte. As Identidades Surdas são construídas a partir das relações e vivências, sendo assim, dentro de um mesmo grupo de surdos há uma variedade de identidades que não podem ser generalizadas. “*Nessas identidades, no que as constituem diferentes, entram os diferentes aspectos históricos e sociais, a transitoriedade dos discursos representados e representantes de sujeitos. Existem diferentes possibilidades de identificação das identidades*” (Perlin, 1998, p. 19). Essa construção se dá no que Perlin vai chamar de “Locais de Transição”.

O primeiro são os meios sociais ouvintes onde “persiste a ideia pré-ordenada da representação iluminista do normal, do perfeito, do ouvinte” (Perlin, 1998, p. 12). Este local é comum principalmente a surdos filhos de pais ouvintes. A comunicação é repleta de quebras e o foco está no treino da audição e fala. “Os surdos que vivem nessas condições de subordinação, parecem estar vivendo na terra do exílio. Têm dificuldade de encarar formas vitais para contentar a todos” (Perlin, 1998 p. 13). Com o desastre que esse local pode causar, a busca por outra representação de identidade continua chegando ao segundo local de transição, a comunidade surda. O encontro com um outro igual propicia a transição de identidade. “A aproximação dos surdos é o passo para o encontro com outras possibilidades de Identidades Surdas” (Perlin, 1998, p. 14). Em último lugar, temos o movimento cultural anti-ouvintista dos surdos, que se trata de “uma luta entre os surdos e pelos surdos” (Perlin, 1998, p. 15). A partir de tudo isso, é importante ressaltar que a construção da identidade surda é um caminho árduo construído no encontro com o igual. O que foi feito na história e o que é feito no dia-a-dia é procurar o semelhante para, a partir daí, construir o diferente surdo (Perlin, 1998).

Seguindo a teoria de Perlin podemos encontrar as seguintes identidades: *Identidade Política*. Essa identidade é marcada pelo uso da comunicação visual e presença constante na comunidade e movimentos surdos “Trata-se de uma identidade que se sobressai na militância pelo específico surdo” (Perlin, 1998, p. 20). São surdos que se aceitam como surdos e

assumem posição de enfrentamento (Perlin, 2002 p. 15). *Identidade Híbrida*, surdos que nasceram ouvintes e, por decorrência de algum acidente ou doença passaram a ser surdo.

Isso implica em se comunicar através da língua de sinais e o pensar em português. *Identidade Surda Flutuante*, “Esta identidade é interessante porque permite ver um surdo “consciente” ou não de ser surdo, porém, colonizado pelos ouvintes que continuam determinando seus comportamentos e aprendizados” (Perlin, 1998, p. 22). São surdos que não tiveram contato com a comunidade surda sendo caracterizada por demonstrar resistência à língua de sinais e falar “corretamente” (Perlin, 2002 p. 16). *Identidade Embaçada*, “Não consegue captar a representação da identidade surda nem da identidade ouvinte como fazem os flutuantes” (Perlin, 2002, p. 16), sua comunicação se dá por sinais ininteligíveis. *Identidade de Transição*, presente em surdos que não tinham contato com a comunidade surda e passam a ter, geralmente, a maioria dos surdos passará por essa identidade visto que são filhos de pais ouvintes. (Perlin, 1998 p. 21). *Identidade Diáspora*, diferente da identidade de transição, a identidade diáspora está presente em surdos que passam de uma região para outra e pode ser identificada como o surdo carioca, surdo italiano, etc. E por fim temos a *Identidade Intermediária*, pessoas que apresentam alguma porcentagem de surdez e que buscam o resgate dos restos auditivos, além de levarem uma vida de ouvinte (Perlin, 2002, p. 16).

No Brasil, existem 9,7 milhões de pessoas com deficiência auditiva, destas, 344,2 mil se declaram surdas (IBGE, 2010). Um dos grandes desafios - se não o maior - que essas pessoas encaram é o da inclusão. Diante deste contexto de violência e exclusão é papel dos profissionais, pesquisadores e gestores públicos desenvolverem pesquisas que transformem essa realidade de forma efetiva e inclusiva para aqueles que são deixados de lado. Pesquisas estas que devem não apenas olhar a deficiência mas a pessoa em sua completude.

De acordo com a lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, em seu artigo 1, a inclusão social deve assegurar e promover condições de igualdade. Para que o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais sejam plenamente assegurados a todos dessa comunidade, é preciso compreender suas diferenças e não resumi-las apenas à necessidade do intérprete de Libras para garantia da comunicação e plena participação social. Pois o contrário, seria simplificar e ignorar a complexidade do tema. Sendo assim, é necessário refletir quais as reais necessidades de inclusão e acessibilidade tendo em mente as diversas Identidades Surdas. Para chegar em tal resposta os surdos, aqueles que realmente vivem essa realidade, são quem melhor podem comunicar as suas necessidades.

A construção e adaptação de questionário são de suma importância, visto que é a partir destes resultados que medidas mais adequadas podem ser tomadas de forma que a inclusão e acessibilidade cheguem a todos. Os questionários são instrumentos de pesquisa construídos para a coleta de dados, sendo uma ferramenta que faz parte da prática clínica, avaliação em saúde e de pesquisas (Coluci, Alexandre, & Milani, 2015). A partir dessa coleta, decisões sobre o cuidado, intervenções de saúde e políticas como a inclusão social podem ser adotadas de forma mais assertiva.

Para que um questionário seja capaz de embasar tais decisões é preciso partir de resultados cientificamente robustos para que estes apresentem boas propriedades psicométricas, sendo necessário a construção e validação de forma apropriada (Coluci et al., 2015). Este processo de validação é um passo essencial e é determinada pelas propriedades psicométricas adequadas sendo das principais a confiabilidade, que é a capacidade de um instrumento medir fielmente um fenômeno, e validade, que é o potencial de um instrumento representar com precisão o fenômeno a ser estudado (Pillatti, Pedroso, & Gutierrez, 2010).

De forma geral, a literatura aponta para sete etapas para o processo de construção de um instrumento, sendo estes I-Estabelecimento da estrutura conceitual; II-definição dos objetivos do instrumento e da população envolvida; III-Construção dos itens e das escalas de resposta; IV-Seleção e organização dos itens; V-Estruturação do instrumento; VI-Validade de Conteúdo; e VII-Pré-teste (Coluci et al., 2015).

Além desses passos, o questionário construído neste estudo tem como público-alvo surdos que podem ter como língua principal a Libras, sendo assim, há a necessidade de um olhar e cuidado específico com a tradução. Este é um processo complexo, já que é preciso levar em conta aspectos técnicos, linguísticos e semânticos e para isso uma intérprete, com vasta experiência participou da construção e tradução do instrumento.

Diante do exposto, este estudo teve por objetivo criar e validar um questionário voltado à identificação e análise de Identidades Surdas para promover e facilitar medidas de inclusão e acessibilidade mais eficientes para pessoas surdas e/ou pessoas com deficiência auditiva.

Método

O presente trabalho trata-se de um estudo metodológico piloto a respeito do processo de criação e validação do questionário sobre Identidades Surdas. Para realização das primeiras

cinco etapas descritas por Coluci et al. (2015), foram estudados na literatura artigos referente aos passos do processo de validação.

A estrutura conceitual foi estabelecida a partir da teoria das Identidades Surdas de Gládis Perlin e definiu-se o público-alvo como surdos de 18 a 60 anos. Com base nas leituras acerca das Identidades Surdas, os itens do questionário foram construídos visando uma ordem lógica.

Segundo Coluci et al. (2015, p. 929), *“O direcionamento desses itens sempre que possível deve ser do item mais geral até o mais específico; no sentido do menos pessoal e menos delicado para o mais pessoal e mais delicado”*. A organização destes itens foi estabelecida em duas seções, a primeira a respeito de dados pessoais e sociais, e a segunda com foco específico nas Identidades Surdas.

O segundo passo foi a avaliação do conteúdo que foi desenvolvida através de um comitê de juízes formado por 4 especialistas na área da surdez. O processo de validação contou com 3 rodadas onde os juízes avaliaram cada questão como: “estou de acordo”, “estou parcialmente de acordo” e “discordo da pergunta”. Caso a escolha dos juízes fosse uma das duas últimas alternativas, ele poderia deixar uma justificativa ou sugestão de alteração. De acordo com Coluci et al (2015), para que haja a validação de um item é necessário um Índice de Validade de Conteúdo (IVC) maior que 80%. Este índice é calculado da seguinte forma: $IVC = \frac{\text{Número de respostas "estou de acordo"}}{\text{Número total de respostas}}$. Caso esse índice não seja alcançado significa que a questão precisa ser revista ou excluída a depender das sugestões colocadas pelo comitê.

Os juízes, como participantes deste primeiro momento de validação de conteúdo, assinaram o TCLE e aceitaram participar de todas as etapas. Destaca-se que cada questão, suas respectivas alternativas, apresentação do projeto e TCLE foram traduzidos, por uma intérprete, para a Libras, visando melhor atender os surdos que têm como primeira língua a língua de sinais brasileira, participantes da pesquisa e das etapas de validação, como juízes. Ressalta-se que a presente pesquisa possui aprovação em comitê de ética e pesquisa, CAEE 29969320.4.0000.5505, parecer nº 4.134.529. Atualmente o estudo encontra-se em fase de pré-teste.

Resultados

O processo de validação de conteúdo contou com um comitê formado inicialmente por cinco juízes. Este comitê foi formado pensando nas experiências e vivências do juiz/a na

área da Surdez e Identidade Surda. Foram três pesquisadores surdos que atuam como docentes de LIBRAS em Institutos Federais, uma intérprete de LIBRAS que também tem formação em pedagogia, atuante com a comunidade surda e escolas bilíngues há muitos anos, e um psicólogo doutor que atua e estuda a comunidade surda. Três mulheres e dois homens. O primeiro dos juízes não pode participar das últimas etapas de validação por motivos pessoais, sendo assim, foi desligado desta etapa. Desta forma, quatro juízes fizeram parte de todo o processo. A versão final do questionário encontra-se nas Figuras 1 e 2.

Figura 1

Versão final do questionário (questões de 1 à 21).

<p>Informações Pessoais e Sociais.</p> <p>1. Nome Completo</p> <p>2. CPF ou outro documento de identificação</p> <p>3. E-mail</p> <p>4. Número de whatsapp</p> <p>5. Sexo () Feminino () Masculino</p> <p>6. Idade 18 à 25 45 à 55 26 à 35 56 à 60 36 à 45</p> <p>7. Você tem alguma deficiência para além da surdez/deficiência auditiva? (deficiência visual, deficiência intelectual, deficiência física, entre outros)</p> <p>8. O que causou a sua surdez?</p> <p>9. Qual o seu grau de surdez/deficiência auditiva? Leve Severa Moderada Profunda</p> <p>10. Caso haja variação bilateral descreva (por exemplo, surdez profunda no lado esquerda e moderada na direita):</p> <p>11. Você tem implante coclear? Sim, em um dos lados Sim, nos 2 lados Não</p> <p>12. Você tem intenção de fazer implante coclear? Sim Não</p> <p>13. Caso não tenha intenção de fazer implante coclear, por quê?</p> <p>Identidade Surda e necessidades de inclusão.</p> <p>14. Quando você se tornou surdo/deficiente auditivo? Sou desde nascença entre 26 e 35 anos Antes de 1 ano entre 36 e 45 anos entre 1 e 5 anos entre 46 e 55 anos entre 6 e 12 anos entre 56 e 60 anos entre 13 e 17 anos mais de 60 anos entre 18 e 25 anos.</p>	<p>15. Você é filho de pais surdos/deficientes auditivos? Sim Não</p> <p>16. Em qual língua você prefere se comunicar, Português ou Libras? Português Libras Outros</p> <p>17. Você é oralizado? Sim Não</p> <p>18. Caso sim, com quantos anos você iniciou o processo de oralização com profissionais? entre 0 e 5 anos entre 36 e 45 anos entre 6 e 12 anos entre 45 e 55 anos entre 13 e 17 anos entre 56 e 60 anos entre 18 e 25 anos entre 56 e 60 anos entre 26 e 35 anos mais de 60 anos entre 56 e 60 anos</p> <p>19. Quando começou o seu contato com a Libras? Desde que nasci entre 26 e 35 anos entre 1 e 5 anos entre 36 e 45 anos entre 6 e 12 anos entre 46 e 55 anos entre 13 e 17 anos entre 56 e 60 anos entre 18 e 25 anos mais de 60 anos</p> <p>20. Você tem contato com a comunidade surda? Sim Não</p> <p>21. Caso a resposta anterior seja positiva, quando esse contato começou? Desde que nasci entre 26 e 35 anos entre 1 e 5 anos entre 36 e 45 anos entre 6 e 12 anos entre 46 e 55 anos entre 13 e 17 anos entre 56 e 60 anos entre 18 e 25 anos mais de 60 anos</p>
--	--

Fonte: elaborada pelas autoras.

Figura 2

Versão final do questionário (questões de 22 à 28).

<p>22. Você é engajado na comunidade surda? Participa de Associações de Surdos, frequenta grupos e tem amigos surdos? Se envolve com os movimentos e causas surdas, por exemplo o Setembro Azul? Sim Não</p> <p>23. Em qual comunidade você busca participar mais, comunidade surda ou comunidade ouvinte? Comunidade Surda Comunidade Ouvinte Igual nas duas</p> <p>24. Você é a favor de que os surdos tenham acesso aos diferentes serviços e locais nas cidades através da Libras? Sim Não</p> <p>25. Você entende que os surdos precisam ser oralizados para serem ativos na comunidade ouvinte? Sim Não</p> <p>26. Você é a favor do bilinguismo para surdos e ouvintes? Sim Não</p> <p>27. De acordo com Perlin (2008), as Identidades Surdas podem ser diferenciadas em: HÍBRIDA, onde estão os surdos que nasceram ouvintes, mas, por alguma razão, tornaram-se surdos. Isso implica entre ser surdo e depender da língua de sinais, e o pensar em português; FLUTUANTE, surdos que não tem contato com a comunidade e cultura surda e as tem como estereótipos, seguem a representação da identidade ouvinte e rejeitam a surda; EMBAÇADA, sujeitos que não possuem acesso a língua de sinais não seguindo a identificação surda e nem ouvinte; de TRANSIÇÃO, surdos que não tinham contato com a comunidade surda e passam a ter, fazendo um movimento de rejeição da representação da identidade ouvinte, composto na maioria das vezes por surdos filhos de pais ouvintes; DIÁSPORA que estão presentes em surdos que passam de um país para outro ou até mesmo de um estado para outro;</p>	<p>INTERMEDIÁRIA, onde embora haja alguma porcentagem de surdez a captação de mensagem não se dá por meio da língua de sinais, não se vê como surdo nem como ouvinte, vive como um pêndulo oscilando entre as duas e, por fim a identidade; POLÍTICA SURDA, que são os surdos que se apropriam da língua de sinais e fazem uso da experiência visual, construindo sua identidade centrada no ser surdo. A partir dessas descrições de Identidades Surdas gerais, qual mais representaria a sua identidade individual? Híbrida Diáspora Flutuante Intermediário Embaçada Surda política Transição</p> <p>28. Qual (is) a(s) maior(es) necessidade(s) de inclusão na sociedade? Acesso aos serviços e profissionais em Libras Contratação de mais intérpretes para os diferentes contextos (segurança pública, saúde, educação, etc.) Ensino da Libras no ensino básico e fundamental para surdos e ouvintes Avisos luminosos e pistas visuais para aumentar a acessibilidade nos espaços físicos Capacitação do surdo para o mercado de trabalho Possibilidade de acesso ao mercado de trabalho (capacitação de empresas e serviços) em todas as áreas da sociedade outros _____</p>
---	---

Fonte: elaborada pelas autoras

A primeira versão do questionário contava com 26 questões, sem que houvesse nenhum tipo de divisão entre elas, sendo questões referentes a experiências de vida que apontem para uma identidade específica. Destas, 20 receberam menos de 80% de aprovação sendo necessário uma reanálise.

A avaliação apontava problemas nos parâmetros gramaticais da Libras, como algumas expressões que não eram sinalizadas de forma clara, sendo assim, foi indicado pelo próprio comitê a busca de uma nova intérprete. Em seguida, houve a reconstrução do questionário com base nos apontamentos dos juízes, seja em relação à tradução ou à própria estrutura da questão ou questionário.

Uma das principais modificações foi a divisão do instrumento em duas etapas, sendo as 13 primeiras questões a respeito de dados pessoais e sociais, questões estas que foram sugeridas para posterior utilização por profissionais e deverão ser preenchidas respeitando o desejo de exposição dos sujeitos, e as demais sobre as Identidades Surdas, acessibilidade e necessidades de inclusão. Com essa alteração a sequência das questões foi completamente alterada visando uma maior coerência.

Algumas questões foram reelaboradas em múltiplas questões, como por exemplo o item “Você tem implante coclear ou gostaria de fazer?” na segunda versão, se tornou as questões “Você tem implante coclear?”, “Você tem intenção de fazer implante coclear?” e “Caso não tenha intenção, por quê?”. Em algumas questões como “Caso a resposta anterior seja positiva (se a pessoa tem contato com a comunidade surda), há quanto tempo?”, a mudança foi na escala de resposta. Em todas as questões houve mudança na tradução por completo, já que na segunda versão uma nova intérprete traduziu o instrumento.

Com o novo questionário finalizado iniciamos a segunda rodada de validação com um questionário composto por 28 questões. Destas, 9 receberam aprovação inferior a 80% sendo necessário novamente uma reanálise tanto da construção como, em alguns casos, da interpretação para a Libras. Os apontamentos dessa segunda rodada foram bastante pontuais.

Das nove questões, duas tiveram a sugestão de acréscimos de exemplos e sinais complementares para melhor compreensão, quatro eram a respeito de mudanças nas alternativas de resposta, duas eram pontos na tradução para a Libras e uma delas era a necessidade de uma reestruturação completa na questão devido a uma atualização nos estudos referenciais a respeito das Identidades Surdas. As Figuras 3 e 4 apontam para as mudanças realizadas nestas 9 questões que, na terceira rodada, foram aprovadas.

Figura 3

Alterações das questões aprovadas na terceira rodada (parte 1).

	2ª Rodada	3ª Rodada
10	Caso haja variação bilateral descreva:	Caso haja variação bilateral descreva (por exemplo, surdez profunda no lado esquerda e moderada na direita):
13	Caso não tenha intenção, por quê?	Caso não tenha intenção de fazer implante coclear, por quê?
14	Quando você se tornou surdo/deficiente auditivo?	Quando você se tornou surdo/deficiente auditivo? (acréscimo de alternativa)
16	Em qual língua você prefere se comunicar, Português ou Libras?	Alteração na localização dos sinais na tradução para a Libras
18	Caso sim, com quantos anos você iniciou o processo de oralização com profissionais?	Caso sim, com quantos anos você iniciou o processo de oralização com profissionais? (acréscimo da alternativa “mais de 60 anos”)
19	Quando começou o seu contato com a Libras?	Quando começou o seu contato com a Libras? (acréscimo da alternativa “mais de 60 anos”)
21	Caso a resposta anterior seja positiva, quando esse contato começou?	Caso a resposta anterior seja positiva, quando esse contato começou? (acréscimo da alternativa “mais de 60 anos”)
24	Você é a favor de que os surdos tenham acesso aos diferentes serviços e locais nas cidades através da Libras	Alteração no uso de sinais para que a pergunta se tornasse mais compreensível na tradução para a Libras

Fonte: elaborada pelas autoras

Figura 4

Alterações das questões aprovadas na terceira rodada (parte 2).

<p>27</p>	<p>De acordo com Perlin (1998), as Identidades Surdas podem ser diferenciadas em: híbrida, onde estão os surdos que nasceram ouvintes, mas, por alguma razão, tornaram-se surdos. Isso implica entre ser surdo e depender da língua de sinais, e o pensar em português; de transição, que é a identidade que o surdo terá no momento em que transita do meio ouvinte para o meio surdo, composto na maioria das vezes por surdos filhos de pais ouvintes; flutuante, em que o sujeito é como um pêndulo que oscila entre a comunidade surda e ouvinte, negando a representação surda; incompleta, sujeitos que não possuem acesso a comunidade surda sendo vítima da ideologia ouvintista e, por fim a identidade política surda, que são os surdos que se apropriam da língua de sinais e fazem uso da experiência visual, construindo sua identidade centrada no ser surdo. A partir dessas descrições de Identidades Surdas, como você classificaria sua identidade?</p>	<p>De acordo com Perlin (2008), as Identidades Surdas podem ser diferenciadas em: HÍBRIDA, onde estão os surdos que nasceram ouvintes, mas, por alguma razão, tornaram-se surdos. Isso implica entre ser surdo e depender da língua de sinais, e o pensar em português; FLUTUANTE, surdos que não tem contato com a comunidade e cultura surda e as tem como esteriótipos, seguem a representação da identidade ouvinte e rejeitam a surda; EMBAÇADA, sujeitos que não possuem acesso a língua de sinais não seguindo a identificação surda e nem ouvinte; de TRANSIÇÃO, surdos que não tinham contato com a comunidade surda e passam a ter, fazendo um movimento de rejeição da representação da identidade ouvinte, composto na maioria das vezes por surdos filhos de pais ouvintes; DIÁSPORA que estão presentes em surdos que passam de um país para outro ou até mesmo de um estado para outro; INTERMEDIÁRIA, onde embora haja alguma porcentagem de surdez a captação de mensagem não se dá por meio da língua de sinais, não se vê como surdo nem como ouvinte, vive como um pêndulo oscilando entre as duas e, por fim a identidade POLÍTICA SURDA, que são os surdos que se apropriam da língua de sinais e fazem uso da experiência visual, construindo sua identidade centrada no ser surdo. A partir dessas descrições de Identidades Surdas gerais, qual mais representaria a sua identidade individual?</p>
-----------	---	--

Fonte: elaborada pelas autoras

Nesta segunda rodada não foi proposta nenhuma nova questão, sendo assim, a terceira rodada se deu enviando apenas as questões que não tinham sido validadas, mas que tinham sido reestruturadas ou regravadas. Todas foram validadas. Assim, o processo de validação de conteúdo das questões se deu em 3 etapas tendo como produto final, um questionário com 28 questões.

Discussão

A presente pesquisa tem como um dos pilares a necessidade de voltarmos os olhos para a comunidade surda quanto ao direito de exercer sua cidadania em plenitude. Para que isso se torne uma realidade, ao olharmos e identificarmos as diferentes Identidades Surdas é preciso perceber que as necessidades de inclusão e acessibilidade também são diversas para cada uma delas.

A construção do questionário baseou-se na teoria de Gládis Perlin (1998 e 2002) sobre as Identidades Surdas. Os itens foram elaborados e postos em uma sequência visando buscar dados pessoais, dados sobre a história da surdez do indivíduo e opiniões pessoais acerca

de temas como bilinguismo, implante coclear e acessibilidade. Todos os assuntos mencionados no questionário (com exceção dos dados pessoais - itens de 1 a 6) foram baseados na teoria das sete Identidades Surdas e suas respectivas formas de pensar e se comportar.

A primeira rodada de avaliação dos itens inicialmente propostos foi realizada pelo comitê de juízes e juízas que avaliaram o questionário em sua totalidade. A escolha do comitê se deu por indicação a partir da expertise e experiência, sendo assim, foi composto por pesquisadores e pesquisadoras, surdos e ouvintes, especialistas e doutores na área da surdez e Identidades Surdas. A formação de um comitê de avaliação que contava com a presença de pesquisadores surdos proporcionou uma análise dos itens por pessoas que, para além da expertise teórica, também apresentavam uma apropriação da temática ao vivenciarem as identidades no seu cotidiano.

Os apontamentos nas três rodadas do processo de validação de conteúdo levantaram necessidades de modificações simples nos itens, mas que promoveram uma mudança drástica no questionário ao compararmos a primeira com a última versão. Um dos aspectos apontados foi a mudança no termo “surdo” para “surdo / deficiente auditivo” buscando um acolhimento de todas as identidades. É válido ressaltar, que pequenas mudanças como esta, transformam o instrumento como um todo, proporcionando uma maior participação de todas as identidades. Em alguns momentos, a sugestão era de exemplificar mais algum termo, como por exemplo, o item 10 da segunda rodada que, embora a questão estivesse coerente, era necessário exemplificá-la.

Um dos grandes desafios durante a elaboração e validação do questionário foi a tradução do português para a Libras (Língua Brasileira de Sinais). De acordo com Guarinello, Santana, Figueiredo & Massi (2008, p. 2) a oficialização da Libras como língua oficial traz para o surdo implicações importantes, seja no aspecto social, subjetivo, cognitivo, terapêutico e até mesmo no contexto clínico. A língua faz parte da constituição do surdo enquanto sujeito. Sendo assim, construir um instrumento, cujo público-alvo são os surdos, sem ofertá-lo também em Libras não faria sentido algum. Quadros (2004, p. 20) explica que a língua brasileira de sinais é “complexa e apresenta todos os níveis de análises da linguística tradicional”, ou seja, é uma língua como qualquer outra língua oral e teria, para uma tradução adequada, a necessidade de uma intérprete com fluência e experiência, não apenas habilitada com certificação, mas também contato direto com surdos e a comunidade.

Durante todo o processo de tradução e validação, duas intérpretes participaram traduzindo o questionário do português para a Libras. A primeira delas produziu a primeira versão do questionário, porém na primeira rodada de validação de conteúdo o comitê sugeriu que houvesse uma troca de intérprete. A segunda intérprete participou das outras duas rodadas. Chaveiro et al. (2013) em sua tradução do instrumento WHOQOL-BREF e WHOQOL-DIS para a Libras afirma que para que a tradução e adaptação de instrumentos em Libras um dos pontos que precisa ser levado em consideração é a “participação imprescindível de pessoas fluentes em Libras na equipe que coordenará o projeto de tradução de línguas orais para línguas sinalizadas”. Este aspecto foi seguido pela equipe da presente pesquisa.

O instrumento foi construído na plataforma Google e apesar de trazer dificultadores, na literatura este formato é destacado como promotor da autonomia para esta população. Segundo Andrade et al. (2019). Em sua adaptação transcultural da Escala de Autoavaliação do Funcionamento Ocupacional para a Libras aponta que “na literatura o uso de tecnologias online por pessoas surdas tem sido retratado como fundamental” (p. 8).

Alguns desafios e limitações da presente pesquisa merecem destaque. Uma limitação a ser considerada é que o fato do questionário estar em português e em Libras não o torna completamente acessível a todos os surdos. Isso porque é preciso considerar o fator social na vida dos surdos e a partir daí ter em mente que nem todos os surdos possuem acesso a qualquer uma dessas línguas. Ainda como resquício de uma história de violência, diversos surdos não possuem acesso a Libras, seja por uma escolha da família que tem um olhar ouvintista para o surdo, questões socioeconômicas ou qualquer outra. Apesar da Libras ter se tornado língua oficial em 2002 o preconceito e resistência ainda atuam fortemente. Santos (2012, p. 55) afirma que “embora a Libras tenha sido oficializada como uma língua brasileira, ela ainda é muito discriminada e não é vista como uma língua por todos”. Esses surdos acabam tendo que optar por uma comunicação limitada através de gestos familiares. Sendo assim, o acesso ao questionário por todos os surdos acaba sendo comprometido. Outro fator limitante é a amostra reduzida de profissionais e especialistas surdos na área. É importante ressaltar que devido a um processo histórico com muitos impedimentos, a qualificação acadêmica (pesquisadores e professores) de surdos como doutores e mestres é muito recente. Apesar disso, ressalta-se que todo o comitê de juízes e intérpretes foi formado por profissionais especialistas, surdos e ouvintes, com grande expertise e fluência no que diz respeito às temáticas sobre a comunidade surda e Libras.

A partir de tudo o que foi levantado há um árduo caminho para a compreensão profunda a respeito das Identidades Surdas e suas respectivas necessidades de acessibilidade e inclusão. Para isso é preciso que um número maior de pesquisadores se envolva com essa temática para que ações mais eficazes sejam tomadas. Desta forma, os próximos passos do presente estudo incluem a aplicação do instrumento e, a partir da análise dos seus resultados, esperamos avançar na compreensão desse tema e na elaboração de futuras investigações.

Conclusão

A presente pesquisa levanta importantes pontos para o processo de elaboração e validação de conteúdo de um instrumento voltado à identidade da população surda. A compreensão das Identidades Surdas pode gerar uma grande transformação na inclusão e na acessibilidade no cotidiano desta população. É importante ressaltar que ainda há um longo caminho a ser percorrido pela pesquisa, no âmbito nacional e mundial. A expectativa é que este estudo seja mais um passo rumo à tão sonhada inclusão.

Agradecimentos

Agradecemos aos especialistas/juízes que participaram do estudo durante o processo de validação, bem como os profissionais de apoio técnico que viabilizaram a tradução e interpretação do instrumento para Libras.

Referências

- Andrade, L. F., Marquez, F. E., Ferreira, G. A., Pereira, S. R., Walsh, I. A. P. & Barbosa, M. H. (2019). Adaptação transcultural do instrumento de autoavaliação do funcionamento ocupacional para a Língua Brasileira de Sinais. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 28(e20180160). Doi: 10.1590/1980-265X-TCE-2018-0160.
- Brasil. (2015). Lei Federal no 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Recuperado de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm.
- Chaveiro, N., Duarte, S. B. R., Freitas, A. R., Barbosa, M. A., Porto, C. C. & Fleck, M. P. A. (2013). Instrumentos em Língua Brasileira de Sinais para avaliação da qualidade de vida da população surda. *Revista de Saúde Pública*, 47(3), 616-623. Doi: 10.1590/S0034-8910.2013047004136
- Ciampa, A. C. (1984). Identidade. In C., Wanderley, & S. T. M., Lane. (Org.). *Psicologia social: O homem em movimento*. São Paulo, SP: Brasiliense, 58-75.
- Coluci, M. Z. O., Alexandre, N. M. C. & Milani, D. (2015). Construção de instrumentos de medida na área da saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(3), 925-936. Doi: 10.1590/1413-81232015203.04332013
- Duarte, S. B. R., Chaveiro, N., Freitas, A. R., Barbosa, M. A., Porto, C. C. & Fleck, M P A.

- (2013). Aspectos históricos e socioculturais da população surda. *História, Ciência, Saúde-Manguinhos*, 20(4), 1713-1734. Doi: 10.1590/S0104-597020130005000015
- Ferrari, M. (2006) O papel da diferença na construção da identidade. *Boletim de psicologia*, 56(124), 1-8. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432006000100002&lng=pt&nrm=iso.
- Guarinello, A. C., Santana, A. P., Figueiro, L. C. & Massi, G.. (2008). O intérprete universitário da Língua Brasileira de Sinais na cidade de Curitiba. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 14(1), 63-74. Doi: 10.1590/S1413-65382008000100006
- Hall. S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro-RJ: DP&A Editora.
- IBGE -Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). Censo Demográfico 2010: Resultados Gerais da Amostra. Brasília-DF: Author. Recuperado em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=1&idnoticia=2125&view=noticia>.
- Perlin, G. (1998). Histórias de vida surda: Identidades em questão [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Perlin, G. (2002). As diferentes Identidades Surdas. *Feneis*, 4(14), 15-16.
- Pillatti, L. A., Pedroso, B., & Guitierrez, G. L. (2010). Propriedades psicométricas de instrumentos de avaliação: Um debate necessário. *Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia*, 3(1), 81-91: doi: doi.org/10.3895/S1982-873X2010000100005
- Quadros, R. M. (2004). *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. Secretaria de Educação Especial. Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos MEC, SEESP, Brasília.
- Santos, T. S. (2012) *Narrativas surdas: Experiências na comunidade e na cultura surda e a constituição de identidades* [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. Recuperado em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/190712>.
- Schoen-Ferreira, T. H.; Aznar-Farias, M.; Silvaes, E. F. M. (2009) Desenvolvimento da identidade em adolescentes estudantes do ensino médio. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(3), 326-333. Doi: 10.1590/S0102-79722009000300002
- Thoma, A. S. (2012). Representações sobre os surdos, comunidades, cultura e movimento surdo. In M. C., Lopes (Org.). *Cultura Surda & Libras*. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS.

Recebido em: abril de 2022

Publicado em: dezembro de 2022